

HISTÓRIA E CINEMA: a influência cinematográfica na construção da memória coletiva

Katharine F. TEIXEIRA¹

RESUMO

O cinema é uma poderosa ferramenta de representação do passado, capaz de mesclar realidade e ficção na construção da memória coletiva. Embora não substitua as fontes históricas, pode despertar o interesse do público por temas históricos e provocar reflexões críticas. Este artigo discute como os filmes históricos influenciam a percepção social da história, considerando os debates sobre fidelidade histórica e liberdade artística, e destacando o papel do cinema como recurso didático. Ao cruzar informação e emoção, o cinema aproxima o espectador de eventos históricos e culturais de maneira acessível e envolvente.

Palavras-chave:

Cinema; Memória coletiva; Representação; História.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo discute a relação entre história e cinema, com foco na maneira como a sétima arte contribui para a construção da memória coletiva. O cinema tem sido uma ferramenta expressiva para recriar eventos históricos, influenciando a forma como compreendemos o passado. Nesse sentido, são analisadas as representações da história no cinema, os impactos sociais e culturais dos filmes históricos e os desafios entre a fidelidade histórica e a liberdade artística. A reflexão propõe entender o cinema não apenas como entretenimento, mas como um importante recurso pedagógico.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A relação entre história e memória é central para compreender como o cinema atua na construção da memória coletiva. Maurice Halbwachs (2004) introduz o conceito de memória coletiva como um processo socialmente construído, no qual os indivíduos recordam o passado a partir de marcos sociais. Essa ideia é essencial para entender o cinema como meio de articulação entre lembrança e identidade social. Jacques Le Goff (2003) diferencia memória e história, apontando que a memória está ligada à vivência e à tradição, enquanto a história busca uma reconstrução crítica e científica dos fatos. Assim, ao abordar o cinema como veículo de

¹Graduanda em Licenciatura em História pelo Instituto Federal do Sul de Minas Gerais – IFSULDEMINAS. E-mail: Kathariefernandes2002@gmail.com

representação do passado, é necessário reconhecer que ele opera entre esses dois polos: o emocional e o analítico.

Para Robert Rosenstone (2010), os filmes históricos produzem uma forma particular de narrativa sobre o passado, distinta da escrita acadêmica, mas que pode ser igualmente complexa e interpretativa. O autor defende que os filmes oferecem uma história visual que deve ser analisada como construção simbólica, e não como simples reprodução de fatos. Mônica Kornis (1992), por sua vez, chama atenção para o debate metodológico em torno da legitimidade do cinema como fonte histórica. Ela ressalta a importância de se considerar o contexto de produção e recepção das obras cinematográficas, e defende que o cinema pode ser analisado como uma linguagem que articula discursos históricos, ideológicos e culturais.

Dessa forma, o cinema é compreendido aqui como um instrumento de representação histórica que não apenas recortando passado, mas também participando ativamente da sua construção simbólica, influenciando a memória social e os sentidos atribuídos aos eventos históricos.

3. MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia utilizada baseia-se em revisão bibliográfica, com foco em autores como Robert Rosenstone (2010), Jacques Le Goff (2003), Maurice Halbwachs (2004) e Mônica Kornis (1992). Também foram consideradas análises de obras cinematográficas que lidam com eventos históricos, como *As Espiãs de Churchill* (2019), *O menino do pijama listrado* (2008), *Titanic* (1997), entre outros, que destacam elementos ficcionais e históricos presentes na narrativa. A abordagem é qualitativa, explorando como o cinema pode ser interpretado como fonte e linguagem histórica.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O cinema proporciona uma vivência sensível da história, criando conexões emocionais com eventos do passado. Essa experiência, embora ficcional em muitos aspectos, pode estimular o interesse pela investigação histórica. A liberdade artística dos cineastas permite narrativas envolventes, como no caso do filme *O menino do pijama listrado* (2008), que alia um evento real com personagens ficcionais, criando uma narrativa impactante e educativa. Segundo Rosenstone (2010, p. 14), os filmes podem representar o passado de forma complexa e instigante, demandando do espectador uma leitura crítica.

No entanto, é necessário cautela. O risco de distorção histórica exige que o público esteja ciente das licenças poéticas utilizadas. A fidelidade histórica deve ser buscada com responsabilidade, mas sem comprometer a força narrativa. Filmes históricos podem reforçar

identidades culturais, provocar debates e até moldar narrativas nacionais. Conforme Halbwachs (2004), a memória coletiva é constantemente reconstruída e o cinema participa ativamente dessa reconstrução. Além disso, os filmes podem ser instrumentos eficazes no ensino de história, facilitando a compreensão de contextos e estimulando o pensamento crítico. Le Goff (2003) aponta que a memória histórica é também uma forma de disputa simbólica — e o cinema, ao dar forma a essa memória, entra nesse campo de disputa.

5. CONCLUSÃO

O cinema, ao mesmo tempo em que entretém, educa e provoca. Quando usado com consciência e criticidade, pode ser uma ferramenta potente na formação histórica, incentivando o interesse por diferentes perspectivas do passado. A interseção entre história e cinema revela-se fértil para pensar tanto os usos públicos da história quanto suas dimensões educativas. Assim, torna-se essencial promover uma leitura crítica dessas representações, reconhecendo seus limites e potenciais.

REFERÊNCIAS

FREITAS, C. **Da memória ao cinema.** *Logos*, Local de publicação (e), 4, Jan.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2004.

KORNIS, Mônica Almeida. **História e Cinema: um debate metodológico.** *Revista de Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 237-250.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

ROSENSTONE, Robert A. **A história nos filmes, os filmes na história.** São Paulo: Paz e Terra, 2010.